

## **Vilania**

*J. Roberto Whitaker Penteadó*

As vezes, quando estou meio deprê, chego a pensar que é uma profissão maldita, essa nossa. Refiro-me à propaganda.

Agora mesmo presenciamos o que considero uma farsa, verdadeira pantomima circense, o Conar propor todas essas restrições à criatividade na propaganda de bebidas. E essa coisa ridícula - e anticonstitucional, pois limita o direito ao trabalho - de fixar em 25 anos a idade mínima dos modelos nos comerciais.

Claro que entendo porque a turma do Conar fez isso. É para que esses senhores e senhoras interioranos que compõem esse nosso não menos ridículo legislativo parem um pouco com essa multiplicidade de projetos de lei que limitam, castram, restringem e enchem o saco da propaganda de um modo geral.

Nesse fim de semana, conversava com um amigo empresário, tentando convencê-lo de que a propaganda - a publicidade comercial paga - é uma das formas mais honestas de comunicação pública, se não for a mais honesta de todas. Meu argumento é de que a propaganda, nas versões de anúncio, cartaz, jingle, comercial, faixa, etc. não pretende ser nada diferente do que aquilo que é: uma comunicação paga com o objetivo de persuadir as pessoas a adquirir os produtos e serviços anunciados, identificada como tal. Todos os anúncios são o que são - estão sempre assinados com o nome do produto, do anunciante e, até, muitas vezes, da agência que o criou.

A mesma coisa não pode ser dita a respeito de uma notícia de jornal ou televisão. Ou um editorial. Ou do discurso de um deputado, senador, ministro ou mesmo do presidente da república e até do Papa. Nem da narração de um jogo de futebol, corrida de fórmula 1 - está aí o Galvão Bueno para todos verem e ouvirem - que podem esconder metadiscursos com intenções inenarráveis.

Ninguém exige dessas pessoas que sejam honestas, que não enganem, que digam sempre a verdade - nem são punidos, quando mentem - ou quase nunca (lembrei-me do ingênuo Gugu).

Mas estão todos prontos, sempre, a cair de pau puro em cima dos nossos anúncios e campanhas, como - no Poema em Linha Reta, de Pessoa - fossemos os seres mais vís, no sentido mesquinho e infame da vileza, e eles, todos, fossem príncipes!

Arre, estou achando que está na hora é de revidar.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Vilania? **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadó**, Rio de Janeiro, set. 2003. Disponível em <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=360&ID=173>>. Acesso em: 31 mar. 2010.